ENTRE AS AMARRAS INSTITUCIONAIS E A LIBERDADE: AS ESCRITAS DE MENINOS DE UM INTERNATO¹

*Raquel Gonçalves Salgado**

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo refletir sobre a vida de crianças e adolescentes em um internato, marcada por estratégias que visam burlar a rotina totalizadora engendrada pela instituição e por confrontos entre a situação de abandono e o desejo de resgatar a vida fora dela. O foco central é compreender como em textos, de diversos gêneros, escritos pelos meninos, na escola e no internato, se fazem presentes as tensões entre a experiência na instituição, a vida antes de nela ingressar e as esperanças em relação ao futuro. Tem-se como eixo de análise desses discursos os modos como os meninos significam a vida no internato em meio as contradições entre a adesão ao poder disciplinar impetrado pela instituição e a resposta a esse poder e à exclusão que esta engendra.

Palavras-chave: infância, linguagem, exclusão.

INTRODUÇÃO

A vida de crianças e adolescentes em um internato, marcada por estratégias que visam burlar a rotina totalizadora imposta pela instituição e por tensões entre a situação de abandono e o desejo de retomar a vida “além-muros”, é o que se coloca aqui como reflexão principal. A experiência na instituição, os confrontos com a vida fora dela – ainda que sofrida – e as esperanças em relação ao futuro ganham corpo nos discursos de meninos de um internato cujas vozes de repulsa à tutela institucional, na maioria das vezes, dão o tom às suas narrativas escritas, foco central deste artigo.

Longe dos rótulos de crianças carentes, abandonados ou menores, que, comumente, fazem parte de suas identidades e acabam por reiterar a exclusão social a que são submetidas, a visada, que aqui se espera prevalecer, não as encara apenas como vítimas de um processo árduo de massificação institucional, mas sobretudo como sujeitos capazes de exercer, no cotidiano, atitudes criativas que permitem trapacear a disciplina a que são submetidas, constituindo-se como autoras, que não só escrevem, como também contam e fazem suas histórias ao criá-las e recriá-las.

Os modos de significar a vida no internato e, por sua vez, as alterações subjetivas que essa experiência provoca aparecem, nas narrativas escritas – produzidas na escola ou no internato –, sob a forma de tensões entre a adesão ao poder disciplinar praticado pela instituição e a resposta a esse poder e à exclusão que esta engendra. São essas tensões que constituem o pano de fundo e norteiam as reflexões aqui apresentadas.

¹Este trabalho é parte integrante da dissertação de mestrado *Entre as vozes da disciplina e os sonhos de liberdade: as escritas de meninos de um internato*, defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Departamento de Educação, em outubro de 1998.

*Doutora em Psicologia pela PUC-RJ. Professora Adjunta de Psicologia da Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, em Rondonópolis.

O INTERNATO: ENTRE A FÉ, A ORAÇÃO E A DISCIPLINA

O internato em questão localiza-se na periferia do município de Rondonópolis, em Mato Grosso. Oferece atendimento exclusivo a crianças e adolescentes do sexo masculino, na faixa etária de 0 a 17 anos, sendo que a maioria se encontra na faixa de 7 a 14 anos. As crianças que nele residem passam a maior parte do dia na rua e são encaminhadas por parentes – geralmente pela mãe. Essas famílias buscam a instituição como forma de garantir a permanência dos filhos na escola e, por sua vez, a retirada das ruas.

Conhecer a vida dos meninos no internato significa também adentrar em alguns de seus cômodos, reveladores da insalubridade, do descaso, do abandono, e, sobretudo, dos mal-tratos que marcam a rotina de quem nele vive. É o que faço ao observar seus cômodos, logo no primeiro dia de visita, para compreender também, em seu interior, as práticas sociais que caracterizam a vida na instituição. A “cozinha-preta”, assim denominada pelos meninos, é o cômodo que mais chama minha atenção. Nela há duas pias, utilizadas para lavar louças, um fogão à lenha, panelas e frigideiras pretas. Na verdade, tudo nessa cozinha é preto – suas paredes, as pias, o fogão e a maioria das louças. Logo percebo que se trata de um local insalubre e abandonado.

Inicialmente, chego a pensar que a “cozinha-preta” esteja desativada, já que há outra – conhecida como “cozinha-de-cima” porque fica na parte alta do estabelecimento – em boas condições de uso. Engano-me, pois, com o passar do tempo, observo que as refeições diárias, sobretudo o almoço, são preparadas na “cozinha-preta”, enquanto a “cozinha-de-cima”, com freezer, geladeira, fogão industrial, mesa grande com bancos, fica reservada para receber as visitas e para refeições em eventos especiais, organizados principalmente para receber os “grandes doadores” – fazendeiros, comerciantes e empresários locais que levam donativos para a instituição. Deparo-me, por fim, com o fato de que a “cozinha-de-cima” nada mais é do que o cartão de visitas do internato, já que se apresenta como um cômodo asseado e bem equipado, que agrada qualquer visitante pouco atento. Além disso, essa cozinha camufla a existência da “cozinha-preta”, o cômodo que mistura o abandono com a gordura e a fumaça que impregnam o ar e, de modo contraditório, é o mais usado cotidianamente para o preparo das refeições dos meninos, que são obrigados a conviver com o cheiro e o sabor de seu negrume.

Comecei a ouvir uma cantoria e vi que era uma senhora que estava sentada, descascando batatas, com várias crianças ao seu redor, que cantava. Algumas das crianças a acompanhavam na canção. Percebi que se tratava de um cântico religioso. Aproximei-me da senhora, que logo parou de cantar quando percebeu minha presença. Passou, então, a explicar para as crianças a forma de fritar batatas sem deixá-las moles, dizendo que para isso bastava colocar álcool na água. Alguns meninos a ajudavam a descascar as batatas. Olhei ao redor de onde a tal senhora estava sentada e para a mesa sobre a qual trabalhava. Foi, então, que percebi a insalubridade daquele ambiente – batatas misturadas com cascas de bananas, batatas cortadas boiando em água suja e preta, no chão, restos de comida, madeiras empilhadas cobertas de formigas. Ao lado, estava a cozinha-preta. No fogão à lenha, uma frigideira-preta com óleo para fritar as batatas de molho na água-preta. Este será um dos pratos do almoço dos meninos no Lar hoje. (Diário de campo, dia 23/04/1997)².

²*Trata-se de uma situação de preparação do almoço presenciada por mim em uma das visitas ao internato.*

O internato é comumente denominado de Lar pela maioria dos meninos e funcionários. Sua história é tecida por fortes crenças religiosas, revelações e profecias divinas. Constitui-se, desde os primórdios de sua concepção, como uma *obra de fé*, impulsionada por Deus. Até mesmo seu nome tem procedência na Palavra Sagrada. Sua fundadora é uma pessoa religiosa, membro de uma igreja evangélica, e é quem afirma ser o internato resultado de diversas revelações proféticas advindas de orações e leituras de textos bíblicos que anunciam a ajuda aos pobres, órfãos e viúvas. Segundo ela, são visões proféticas que dão fundamento ao trabalho desenvolvido no Lar, tais como: a visão da casa branca, bonita e comprida como a concretização da *obra de Deus*; a visão dos *franguinhos pardos* que, na sua versão, representam os meninos que são, na sua grande maioria, da cor parda; e a visão em que ela própria aparece servindo e atendendo crianças.

As concepções do internato como obra divina e de sua fundadora como enviada de Deus constituem o pilar que sustenta os principais valores da instituição, nos quais se fundamentam as regras, a disciplina e as práticas cotidianas dos sujeitos que nela vivem. Por outro lado, todos os atos praticados na instituição se descolam dos sujeitos que os exercem por estarem à mercê da vontade de um ser supremo e divino. Sob este viés, os sujeitos ficam isentos de qualquer intervenção no processo histórico da instituição.

A formação religiosa consiste no objetivo mais caro do internato, que tem a fé como o mais forte instrumento de transformação do “menino-revoltado” em “homem-de-bem”. Assim, a oração – atividade diária e obrigatória dos meninos – é considerada como o mais importante canal de aculturação das crianças e adolescentes, visando extirpar do menino que ingressa na instituição a revolta pelo abandono, os “maus” hábitos e costumes, assim como os vícios advindos da rua, na tentativa de transformá-lo em menino humilde e resignado com relação à sua própria condição de abandono. A fé e a oração assumem, portanto, parceria com a disciplina, compondo a tríade que movimenta a cultura institucional e, por sua vez, os valores que devem ser inculcados. A oração na hora certa e a correção na hora certa participam do processo de educação e correção dos meninos.

A concepção de que a fé e o amor transformam o “menino revoltado” em “menino humilde” é muito propagada tanto por funcionários³ quanto pela fundadora. Segundo eles, o menino vem da rua ou até mesmo da casa dos pais extremamente revoltado: *ele chega cobra, basta passar um tempo no Lar que o rosto se transforma, a revolta acaba e o menino fica mais humilde*⁴.

Os meninos são obrigados a cumprir uma rotina diária rigorosa, em que cada atividade possui um horário específico. Realizam trabalhos domésticos, como limpeza dos assoalhos, banheiros, cozinhar, lavar roupas etc. Vão para a escola e quando retornam, dão continuidade às tarefas domésticas. Realizadas diariamente pelos meninos, essas tarefas também consistem em fortes dispositivos disciplinares como forma de controlar e preencher o tempo. Trata-se de consumir o tempo e o corpo nas tarefas institucionalmente determinadas para impedir a rebeldia, as condutas desviantes e as inconformidades.

Foucault (1993), ao analisar o projeto da instituição carcerária, afirma que as punições passam a se configurar cada vez mais como formas de coerção, que se efetivam através de determinações de horários, distribuição do tempo, execução de atividades regulares, silêncio, respeito, bons hábitos etc. Com isso, pretende-se configurar o sujeito obediente.

³Muitos funcionários são ex-internos da instituição.

⁴Trechos de depoimentos de funcionários.

... é o sujeito obediente, o indivíduo sujeito a hábitos, regras, ordens, uma autoridade que se exerce continuamente sobre ele e em torno dele, e que ele deve deixar funcionar automaticamente nele. (Foucault, 1993, p. 114).

Assim funciona o sistema disciplinar do internato em sua missão de formar meninos obedientes, na medida em que busca ocupar seu tempo e seus corpos com a labuta doméstica, evitando o surgimento de práticas que venham a se contrapor às regras e normas vigentes. Consumir o tempo exaustivamente, de modo a evitar seu desperdício; a proibição do ócio para controlar o pensamento; tudo isso revela o que Foucault denomina de *utilização crescente do tempo* (1993, p. 140), processo que dele extrai instantes cada vez mais disponíveis e, desses instantes, forças cada vez mais úteis.

Sem dúvida, o internato apresenta muitas das características das *instituições totais*, abordadas por Goffman (1990), que são: o fechamento e a barreira à relação social com o mundo exterior, marcados pela presença de altos muros, portas fechadas, arames farpados e outros mecanismos institucionais que impedem a saída dos sujeitos que vivem na instituição; a realização de todos os aspectos da vida no mesmo local e sob uma única autoridade; o cumprimento de todas as atividades cotidianas segundo a determinação de horários e um sistema de regras rigorosos; o controle e a despersonalização dos objetos pessoais dos internos.

As barreiras – físicas e institucionais – que visam impedir o contato dos meninos com o mundo além-muros⁵, a rotina diária pautada em horários e atividades laborais rigorosas e o desnudamento dos bens individuais, expresso na numeração das roupas e na forma como são guardadas juntas na rouparia⁶, onde não há armários individuais, são mecanismos que aproximam, e muito, o internato de uma instituição total.

Sem desconsiderar a existência de um poder uniformizador em instituições dessa natureza, nos moldes apontados por Goffman (1990), que propicia muito mais o esvaziamento do eu do que o respeito pela identidade alheia, é salutar uma outra versão para encarar as crianças que vivem em internatos, trazendo como pressuposto a existência de tensões entre os valores que constroem e os mecanismos institucionais. Nesta perspectiva, Certeau (1994) apresenta-se como um interlocutor propício ao refutar as teses sobre a massificação dos comportamentos, dando visibilidade à inquietude e à criatividade dos fracos, bem como às micro-resistências ou micro-liberdades, que permitem metaforizar o poder. *O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada*, afirma Certeau (1994, p. 38), que vê na cultura popular um jogo com os sistemas impostos. Trata-se de uma *trapaçaria* (p. 79), caracterizada pela astúcia e esperteza nos modos de burlar os contratos sociais. Todavia, esse jogo não se dá fora da esfera do poder porque pressupõe a desconstrução do jogo do outro através de golpes que transformam as regras ditadas pelo opressor. Vemos, assim, claramente a configuração de um jogo de tensões e conflitos que mobilizam as relações sociais. Não há imposi-

⁵A única saída diária dos meninos do internato é a ida para a escola, que representa um portal para o mundo, para a vida fora das redomas do internato. O papel da escola é muito significativo para a vida dos meninos, já que esta se apresenta, na maioria das vezes, como a contrapartida à institucionalização. É nela que eles convivem com outras pessoas e outros valores. É nela que eles têm acesso a conhecimentos diferentes daqueles veiculados na instituição. Apesar disso, a escola parece estar ainda adormecida para seu papel de contrapartida à massificação vivida no internato, visto que, nas práticas cotidianas, nada concretamente é realizado para impulsioná-lo. Por outro lado, é merecedor de destaque o fato de a escola, mesmo sem querer, acabar proporcionando aos meninos brechas para que eles se desviem das normas e dos valores vigentes no internato.

⁶Os meninos maiores e veteranos desfrutam de certos privilégios em relação aos menores e novatos. Um desses privilégios é ter um espaço reservado para guardar seus objetos pessoais.

ção de um poder monolítico e inalterado pelos “fortes” porque há a contrapartida da “estética de golpes” que marca as maneiras pelas quais os “fracos” trapaceiam o poder. Para Certeau, cabe aos “fracos” metaforizar o poder, fazê-lo funcionar em outro registro sem deixá-lo.

Algumas atitudes assumidas pelos meninos ilustram essas trapaças, que astutamente se apropriam das brechas do cotidiano para burlar o poder. Uma delas é o esforço de Nando⁷ em preservar seu estojo de canetas, guardado dentro da calça, para que ninguém desapareça com elas. Mais do que um simples estojo de canetas, o menino preserva seu *estojo de identidade*⁸, na tentativa de manter algo que possa ser reconhecido como seu e de mais ninguém, algo que mantenha viva sua singularidade.

André, marcando sua escova de dente, também dá provas dessa busca.

Raquel: E escova de dente? Tem uma escova pra cada um?

Meninos: Tem. Tem.

André: Aqui! (Tira sua escova de dente do bolso)

Raquel: Que tem o nome de vocês escrito?

Nando: Não, na escova, não.

Raquel: E como é que sabe que é a sua?

Célio: Porque guardam.

André: Eu guardo e marco, faço um risquinho nela assim.

As tensões entre as vozes dos meninos – seus valores – e as vozes da instituição – como ela os define e o que diz sobre eles –, assim como as brechas encontradas por eles para escapar do discurso institucional, são também perseguidas em suas escritas, como podemos observar a seguir.

NOS TEXTOS DOS MENINOS, O DIÁLOGO ENTRE AS VOZES DA DISCIPLINA E OS SONHOS DE LIBERDADE

Os textos são concebidos, com base na teoria de Mikhail Bakhtin, como enunciados que se constituem na vida social e estão entrelaçados com outros enunciados em um diálogo permanente com vozes sociais, vindas de contextos e épocas diversas⁹.

Para Bakhtin, todo e qualquer enunciado se encontra imbuído de ecos e lembranças de enunciados alheios. Por isso, não se pode pensar nos enunciados fora de uma cadeia de comunicação verbal. Não há palavra que não tenha sido dita. Nenhum locutor é o *Adão bíblico* (BAKHTIN, 1992), aquele que enuncia pela primeira vez a palavra. Ela vem sempre de alguém, de um outro. Está na vida, no jogo das relações sociais.

⁷Nomes fictícios são atribuídos aos meninos como forma de preservá-los de represálias por parte da instituição.

⁸Trata-se do conjunto de bens individuais que, segundo Goffman (1990, p. 28), garante o controle da aparência pessoal perante os outros.

⁹O corpus da pesquisa é composto por textos escritos pelos meninos na escola – textos exigidos pelas professoras como tarefas escolares (textos escolares) e textos advindos de situações provocadas por mim –; textos espontâneos – escritos tanto no internato quanto na escola, independentes de minha solicitação ou das professoras –; e textos escritos no internato provocados por mim durante oficinas de leitura e escrita que realizamos na instituição.

O discurso, na concepção bakhtiniana, é a réplica viva do diálogo (Bakhtin, 1998). Remete não apenas ao que já foi dito, mas também à resposta futura, ao enunciado que virá. Assim, reside sempre na fronteira entre seu próprio contexto e o contexto alheio. O discurso que vem dos lábios de outrem e que serve a intenções alheias é assimilado e apreendido pelo discurso próprio do falante que o contamina com suas próprias intenções, gerando transformações em seus significados.

Bakhtin (1998) entende que esse processo contínuo de escolhas e assimilações dos discursos alheios constitui o processo de transformações e evoluções ideológicas da consciência humana, pois é nele que delineamos nossa postura ideológica perante o mundo e, por conseguinte, nossas práticas sociais. Esse processo se fundamenta nas constantes lutas, tensões e confrontações entre a palavra alheia propriamente dita e a nossa palavra, que brota da relação dialógica com o outro, para se tornar paulatinamente autônoma em relação à palavra do outro. Assim, cada palavra do outro, ao penetrar em nossa consciência, é contestada por uma contra-palavra que a transforma, marcando-a com seus acentos e intenções.

A contestação e a confrontação da contra-palavra dos meninos com a palavra-alheia vinda do internato são os principais vieses da análise dos textos. Além disso, sua forma e conteúdo não são concebidos como dados isolados, mas como aspectos que se interpenetram, de modo que a forma só é significativa quando permite a exteriorização do conteúdo. Para Bakhtin (1992), o conteúdo de um enunciado só se expressa mediante a forma que tece seus contornos ao envolvê-lo e transformá-lo.

O jogo entre autor/falante – aquele que enuncia –, o objeto do discurso – o que se quer dizer – e o leitor/ouvinte – interlocutor – é regido pelos gêneros discursivos, que remetem às interações entre forma e conteúdo, realizando o “querer-dizer” (BAKHTIN, 1992, p. 301) do locutor. Os gêneros discursivos são inesgotáveis, heterogêneos e múltiplos. Modulam o contato entre a língua normativa e o acontecimento social e histórico, conferindo ao discurso suas entonações. Além disso, incitam negociações entre a subjetividade, posto que o locutor elege formas para expressar suas visões de mundo, e a cultura, que exige desse mesmo locutor revelar sua posição social no próprio ato de sua expressão, o qual brota da vida social.

Os textos, aqui comentados, fazem menção às histórias vividas pelos meninos antes de irem para o internato, em que tratam das casas onde moraram, das brincadeiras com os amigos e das travessuras; à vida no internato, cujas narrativas trazem à tona as justificativas da ida para o internato e os significados que atribuem à instituição e à situação de abandono em que se encontram; e ao futuro, que aparece sob a forma de histórias marcadas pelos sonhos e desejos dos meninos.

Quando solicitados a escrever sobre suas histórias antes da ida ao internato – o que faziam, como eram suas vidas, as brincadeiras, os amigos –, os meninos tendem a produzir narrativas extensas e fluidas, expressando o envolvimento com o que escrevem e marcando a autoria nas histórias que relatam antes de viverem no internato, momento em que se vêem como autores da própria vida. O texto de Gabriel¹⁰ ilustra muito bem isto.

Minha grande História

Eu vou contar da minha vida importante.

¹⁰Gabriel, na época da pesquisa, estava com 12 anos de idade e cursava a 4ª série do Ensino Fundamental pela segunda vez. Ele e seu irmão caçula foram encaminhados para o internato em 1996 porque seu pai os havia abandonado e, por isso, sua mãe teve que trabalhar, não tendo mais condições de dar-lhes assistência.

O dia que eu foi muda as coisa para outra casa foi tão legal nós andava com carroça e começou a chuve uma gotas bem fina nós escondia dela aí nós chegava na casa onde nós ia mora nós arrumava primeiro as camas os fogão as prateleiras í no outro dia, tinha que arrumar doto dinovo não é acostumado na casa os colega e diferende Alguns conhecemos já nós brincava de bolitas de car-rinho de Polícia e ladrão de bicicleta

nós comia goiaba na casa do vizinho.

Lá na casa da minha Prima eu brincava com meu primo muitas vez chega a hora de ir ma escola era sem graça a gente ficava pensando com os colegas para brinca

Eu ia na escola só para brincar com os colega novo da turma figa brincando de Joga papel Jogava borracha jogava giz nas menina ai tocava o sinal para ir embora ai eu ia ajuda minha vó lava roupa, ia no Supermercado para compra tudo que ela pedia

Eu ia na onde que ela pedia eu ia lá para ela até que eu cansei trabalha para ela eu andava na ru-as com os colega ia na escola em vez emquando brincava na rua eu ia no Vidio Gayme brincava dimais Joga pedra nós cavalos Jogava bola com os meu colega mem parava em casa¹¹.

A casa do passado se configura como o espaço da liberdade de ir e vir – sair de casa para brincar com os colegas na rua e ir à casa dos primos. É assim que essa casa passa a fazer parte da *história importante* de Gabriel. Por outro lado, ao concluir seu texto, o menino já começa a apontar uma mudança em sua vida quando deixa de atender aos pedidos de sua avó – lavar roupa, fazer compras –, escapando para a rua com os colegas. Mesmo sem Gabriel fazer referência direta ao motivo de sua ida para o internato, é possível presumir que a transformação do “menino-trabalhador-obediente” em “menino-vadio-desobediente” aponta para isso, tendo em vista o discurso institucional de que o menino chega rebelde. Entretanto, a justificativa tecida por ele no texto para essa transformação – *até que eu cansei de trabalhar para ela* – expressa seu desejo de libertar-se do mando da avó – representante da voz social adulta e, portanto, da norma e da disciplina.

A narrativa fluida de Gabriel, ao escrever sua *história importante* do passado, dá lugar a um texto descritivo, marcado pela impessoalidade, quando escreve sobre o internato. Talvez isso se deva ao fato de a história no internato lhe ter sido imputada, sem que pudesse escolher outras alternativas ou rumos à sua vida. Falar sobre a vida no internato significa falar de uma história cuja autoria se esvai. As repetições, que aparecem como uma lista de ordens e mandamentos, expressam a voz autoritária da instituição em torno da qual as palavras de Gabriel secam.

Minha História

Nesse instante agora aqui eu vou fala a minha Historia no presente. eu vim no dia 05/09/96

nós trabalha de limpara casa

nós brinca no final de semana

nós temos colega aqui não tem amigo

nós vai para escola

nós vai passear

Eu vó sair do lar ... no final do ano de 1997

A tensão entre ter colega e não ter amigo no internato já presume um julgamento negativo em relação à vida lá dentro. Gabriel constrói, em sua narrativa, uma imagem da instituição como

¹¹Os textos foram transcritos tal como os meninos os escreveram.

um lugar em que é difícil fazer amizades, uma vez que todos precisam buscar formas de sobrevivência que acabam enfraquecendo os laços afetivos, haja vista as delações, os abusos e as agressões entre os meninos, constatados ao longo da pesquisa de campo. Seu texto subentende que as relações entre os meninos, no internato, são pautadas pela desconfiança, o que justifica o fato de não se ter amigos.

Apesar de Gabriel não escrever nas linhas do texto suas insatisfações por estar no internato, deixa-as nas entrelinhas. Nesse sentido, o desfecho do texto, com a afirmação de que em breve sairá do internato, indica seu desejo de sair.

Como as orações estão constantemente presentes no cotidiano dos meninos, peço-lhes, em uma das oficinas de leitura e escrita realizadas na instituição, para que escrevam suas próprias orações, de modo que estas expressem o que gostariam de conversar ou pedir a Deus. A maioria das orações escritas apresenta o gênero discursivo da oração autorizada pela instituição, marcada por súplicas e agradecimentos que apontam para a subserviência a Deus, tão inculcada pelo internato, com exceção a que Júlio¹² escreve.

Deus eu ti pesso que eu quero uma coisa que me faz agradar uma coisa muito emportante uma coisa que me deixa feliz eu quero um pião que eu to pedino até deis do ano passado até hoje eu quero que o senhor me traz o meu pião a manhã ou depois da manhã

Nessa oração, Júlio rompe totalmente com o gênero discursivo oficial, tão apregoado pelo internato, traçando uma nova forma de relacionar-se com Deus. Ao apropriar-se do gênero familiar, acaba por escrever um texto profano e herege aos olhos da instituição, uma vez que ao invés dos agradecimentos, da entrega e da súplica, ele realiza pedidos e exigências a Deus sem quaisquer cerimônias. Partindo do princípio de que o autor estrutura a forma de seu texto a partir da visão que ele tem de seu destinatário, a oração de Júlio indica uma desconstrução da imagem institucional de Deus, associada ao Sagrado, ao Pai, à Lei e, portanto, à obediência, concebendo-o como alguém próximo e íntimo. Essa escrita irreverente não só abala a imagem divina, como também os discursos institucionais nela sustentados. Sendo assim, presume-se que os valores e a tradição da instituição, para Júlio, não se encontram petrificados, estando abertos a confrontações e mudanças.

Nos textos em que os meninos escrevem sobre o futuro, o desejo de retorno às casas do passado e, portanto, à vida do passado, o desejo de estar com a mãe, de liberdade, de ter e constituir uma família, e as futuras profissões aparecem como as questões mais recorrentes.

O último texto a ser analisado é escrito por Fábio¹³ na escola a partir da solicitação da professora para que os alunos escrevam um texto partindo da seguinte questão: *Valéria tinha o desejo de ser fada. Qual é o seu desejo?* Fábio escreve o seguinte.

O meu desejo é bóm

O meu desejo é ser um betiboi

O meu desejo é ser um piloto

¹²Júlio estava com 13 anos e cursava a 3ª série do Ensino Fundamental pela segunda vez. Ingressou no internato em março de 1996, acompanhado por seu irmão mais velho. O motivo de seu ingresso foi o fato de sua mãe ser separada de seu pai, ter que trabalhar e não poder dar assistência adequada aos filhos.

¹³Fábio estava com 10 anos de idade e cursava a 3ª série do Ensino Fundamental. Ingressou no internato em janeiro de 1997. É irmão caçula de Júlio e sua ida para o internato se deu pelos mesmos motivos do ingresso de seu irmão.

O meu desejo é ser um carreteiro

O meu desejo é andar de avião e de helicóptero (helicóptero)

Como podemos observar, Fábio reitera seu desejo na escrita, repetindo-o várias vezes. Assim, afirma o desejo de tornar-se um Bad Boy¹⁴, personagem com o qual os meninos apresentam forte identificação e que representa o perfil do menino que entra em choque com o ideário da instituição. Ser ou tornar-se Bad Boy é o estilo de vida que o sistema disciplinar pretende varrer da subjetividade dos meninos, já que entra em confronto direto com o princípio do “menino-santo-humilde” transformado pela fé que a instituição pretende inculcar. O desejo de ser Bad Boy, piloto, carreteiro, de andar de avião e de helicóptero, escrito no texto de Fábio, remete ao seu desejo de ser livre, de poder voar, e voar para além dos muros do internato.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A INFÂNCIA INSTITUCIONALIZADA

Pode-se considerar que os textos não falam apenas da vida singular dos meninos em questão, mas remetem a uma visão social da infância excluída, para a qual educar confunde-se com adestrar e ambos com aprisionar. Assim, o internato cumpre uma função social específica – segregar as crianças pobres para que, então, sejam disciplinadas e educadas –, já que no seio de suas famílias, concebidas como desestruturadas e núcleos da violência e da rebeldia, isso não é possível. Trata-se de combater o mal pela raiz, encaminhando as crianças na diretriz do que é socialmente prescrito, tornando-as sujeitos de deveres, porém, destituídos de direitos.

O internato é prova disto, uma vez que constrói seus fundamentos e regras a partir de uma concepção de criança como “pequeno selvagem”, haja vista a denominação “cobra”, muitas vezes atribuída aos meninos. Concepção esta que também é pautada na afirmação de uma suposta maleabilidade da infância aos vícios da vida mundana e propensão aos pecados como justificativa da aplicação da disciplina como mecanismo de torná-los “homens de bem”. Desse modo, a instituição visa silenciar não só as vozes, mas também as histórias dos meninos porque remetem a um passado de rebeldia que deve ser combatido a todo custo por contrariar o projeto institucional de formação de “meninos humildes e dóceis”.

Vimos nas escritas as fortes tensões vividas pelos meninos entre a negação de suas histórias, como forma de legitimar o discurso institucional, e o desejo de resgatá-las, como protesto contra a vida no internato. Por mais que a instituição vise calá-los e torná-los sujeitos sem história, sem rostos e sem desejos, não consegue cumprir plenamente essa função, já que, nas escritas, as vozes dos meninos não se encontram suprimidas, mas se fazem ouvir “à flor dos textos” ao dialogarem e, às vezes, se confrontarem com os discursos da instituição.

Por fim, cabem aqui algumas inquietações: que sociedade é esta que ainda precisa enclausurar as crianças pobres para reformá-las e adestrá-las? Que rebeldias ou peraltices infantis justificam o castigo da institucionalização? Vale resgatar mais uma vez os principais desejos dos meninos. Eles não pedem muito, desejam apenas libertar-se das amarras de um internato, desejam um lar, uma casa onde não sejam obrigados a morar, desejam uma família, estar com a mãe, o pai, os irmãos e os amigos de verdade, desejam ser autores, de fato e de direito, de suas infâncias.

¹⁴O Bad Boy é um personagem que representa o “menino mau”, destemido, desafiador das regras e normas sociais, irreverente, malandro, bandido e conquistador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 4. ed. São Paulo: UNESP/ Hucitec, 1998.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- GOFFMAN, E. *Prisões, manicômios e conventos*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

ABSTRACT

This work aims to reflect on children and adolescents life in a shelter, marked by strategies which view to trick the totalised daily life that the institution promotes and by confronts between the abandon situation and the desire to rescue life outside the institution. The main focus is to comprehend how in texts, of different genders, written by the children, in school and the shelter, are established tensions between the experiences within the institution, before it and the hope in relation to the future. We have as analysis axis of these discourses the ways the children mean their experiences in the shelter among contradictions between the adhesion to the discipline imposed by the institution and the answer to this power, as well as the exclusion that it has been promoting

Keywords: *childhood, language, exclusion.*